

**A “ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO” DE DARCY RIBEIRO E AS  
RELAÇÕES DA HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA**

**João Paulo Aprígio Moreira\***

**RESUMO**

A história, enquanto ciência e enquanto objeto, pode apresentar caminhos proveitosos na comparação das concepções de tempo em uma etnografia do conhecimento, a partir de reflexões acerca de como este é tratado nas diversas disciplinas. Este ensaio trata de como é feito uma história dos processos civilizatórios, e nesse sentido convidamos os leitores a refletir sobre questões específicas da disciplina antropológica e histórica, a partir dos estudos de “Antropologia da Civilização”, de Darcy Ribeiro, pelo viés de uma perspectiva interdisciplinar.

**Palavras-chave:** História; Antropologia; Darcy Ribeiro.

**INTRODUÇÃO**

Estabelecer um recorte e dar conta da dimensão histórica da obra Darciniana, no sentido de contextualizá-la em seu aspecto de antropologia engajada, característica que reflete as diversas facetas de Darcy Ribeiro como ensaísta, antropólogo e político, nos levam a responder questões de como o autor fez recurso de uma narrativa histórica crítica, pautada em carências orientativas do presente – utilizando o conceito da Teoria da História do Prof. Jörn Rüsen –, reflexões que são antes de tudo conseqüências de um período de ditadura militar e experiência do exílio, e que orientarão um programa político posterior. Partirei de uma análise feita pelo Prof. Estevão Chaves Martins sobre a formação das identidades latino-americanas, para relacionar à ligação das características políticas da obra de Darcy Ribeiro e à importância dos temas por ele selecionados, como parte de um

---

\*Aluno do 4º ano do curso de História da Universidade Federal de Goiás.

processo formativo identitário, devido a suas contribuições de modelos conceituais identitários no que se refere à América Latina e ao Brasil.

O Prof. Estevão Chaves Martins chama atenção para as diversas formas que participaram do discurso formativo identitário latino-americano. Dentre elas, se destacaram as aquisições teóricas das ciências sociais, que passaram a contribuir de forma candente para a discussão em pauta. Esse discurso, formulado através de vários mecanismos retóricos e narrativos, é passível de ser contextualizado historicamente, junto, por exemplo, da narrativa ensaística. Por introdução, abordaremos algumas perspectivas que orientaram o pensamento de Darcy Ribeiro em seus estudos de “Antropologia da Civilização”.

Darcy Ribeiro lançou mão de uma abordagem diacrônica para a leitura do panorama histórico das sociedades latino-americanas e do Brasil, privilegiando os respectivos processos formativos integrados em uma grande narrativa, em que a explicação das realidades sociais não se faz à parte do processo histórico de constituição destas realidades, e sim podem ser expressas a partir de uma matriz interpretativa ampla que se materializa no que este chama de uma Teoria da Evolução Sócio-cultural, utilizando este modelo teórico disposto em seu livro “O Processo Civilizatório”. Esses Processos Civilizatórios compõem uma dinâmica que pode ser englobada na categoria de “progresso”, dinâmica sócio-cultural que é mediada por Revoluções Tecnológicas e expressa na capacidade energética de cada povo. Tal dinâmica não se processa de maneira uniforme e tem como eixos de deslocamento o que Darcy Ribeiro chama de Aceleração Evolutiva e Atualização Histórica, duas noções que permeiam a categoria progresso na dinâmica evolutiva dos povos, constituindo uma história da civilização que não necessariamente materializa-se de forma ascendente do ponto de vista da autonomia. Através desse modelo, foi possível organizar experiências históricas por meio de conceitos como: Revoluções Tecnológicas, estas desencadeando algumas formações sócio-históricas específicas, conhecidas em conceitos como os de “povos novos”, “povos transplantados”, entre outros, cada um com suas características específicas, as quais são reunidas de acordo com similitudes históricas e étnicas que esclarecem o recorte utilizado pelo autor e funcionam como recurso heurístico pelo grande alcance descritivo. Desta forma, é possível abordar essas formações sócio-históricas em sua forma teórica, sendo estas resultado de um processo abstrativo posto em seu modelo de Teoria da

Evolução sócio-cultural e suas classificações, a partir de critérios discutidos acima, que funcionam como prova empírica de uma interpretação dos resultados de distintos processos civilizatórios. Esses dados “empíricos” e sua relação com a Teoria da Evolução Sócio-cultural, aplicados, resultam em suas explicações de como a América Latina e Brasil tornaram-se o que são, a saber, cada região da América Latina e do Brasil interpretados segundo suas especificidades culturais e políticas. Esses critérios, com base em sua erudição, foram ordenados de acordo com informações historiográficas e etnográficas de grandes autores, concernentes a cada região específica abordada por uma extensa bibliografia para tratá-los como um todo, a partir de um modelo teórico próprio.

A partir de tal modelo (densamente abordado em seu livro *O Processo Civilizatório*), Darcy Ribeiro contribui com uma leitura geral da civilização, contextualizando diferentes configurações histórico-culturais e descrevendo-as. Isto posto, é possível corroborar a assertiva do Prof. Estevão Chaves Martins citada na introdução deste artigo, sobre a contribuição dos cientistas sociais no processo de criação identitária latino-americana, e isso porque, posteriormente, Darcy Ribeiro aparece como referencial na constituição e leitura de tipos identitários latino-americanos em círculos acadêmicos internacionais que se propõem a debater sobre a questão. É importante atentar-se para o fato de que Darcy Ribeiro, sob influência dos intelectuais que participaram de sua formação, estava localizado em uma última geração explicitamente dedicada a um programa de planejamento de seu país, questão diretamente ligada a legitimidade de um projeto de nação. Seus estudos, por terem sido apresentados em uma época em que a política (Estado) decidia nitidamente os recortes e as imagens que produziriam uma identidade pública da nação, não foram incorporados diretamente, servindo mais como produtor de uma imagem dos brasileiros e dos latino-americanos para o exterior do que para o próprio país, fato comprovado na verificação do número de traduções e edições internacionais, além de ser bastante sabido a qualquer leitor que se interessou um pouco pela obra do autor. Só posteriormente, já na década de 90 e após seu falecimento, é que, notoriamente, sua obra é absorvida por um público mais amplo no cenário nacional. O modelo de interpretação dos processos civilizatórios, apesar de utilizar conceitos outros como os de formações sócio-históricas e de alguns postulados da escola antropológica neo-evolucionista norte americana, seguem características próprias e específicas a critérios do autor. Com efeito, nos estudos de

“Antropologia da Civilização”, não está presente somente uma abordagem latino-americana, mas destaca-se também sua contribuição para o pensamento social brasileiro, bem como para a reflexão do processo de “assimilação” dos indígenas pela sociedade moderna, temas e conceitos bastante problemáticos para a antropologia contemporânea, tendo em vista que, de caráter geral, as proposições etnológicas de Darcy Ribeiro, no que se refere a tais processos, passaram a compor parte de uma história das teorias de assimilação e não uma teoria universal da assimilação, melhor dizendo, seus estudos são tratados mais como “dados etnográficos” do que uma teoria que corresponda ao processo mesmo. É também relevante deixar claro que o principal objetivo de Darcy era combater a perspectiva eurocêntrica das explicações que faziam uso de uma abordagem diacrônica, focando os processos evolutivos.

O Prof. Estevão Chaves Martins afirma que:

O esforço principal de auto definição das sociedades latino-americanas concentram-se na grande variedade de ensaios literários e nos resultados das ciências sociais alcançados por autores e pesquisadores latino-americanos, cujos trabalhos passam a desempenhar um papel relevante no cenário mundial.<sup>1</sup>

Dentre estes esforços, podemos demonstrar a tentativa de Darcy Ribeiro de elaborar seu próprio modelo interpretativo, que lhe rendeu título de originalidade conceitual. A justificativa de Ribeiro era a necessidade de um modelo teórico próprio para análise do Brasil e América Latina. Segundo o autor, tal tipo de análise é necessária porque, paralelamente à espoliação internacional sofrida pelos países subdesenvolvidos, sempre vêm teorias que corroboram com a situação à qual esses países estão submetidos. Isso mesmo já serve como justificativa de sua empreita intelectual. Martins ressalta outro ponto que é relevante chamarmos à discussão:

A cultura histórica é uma forma de contextualizar os modos políticos, sociais e econômicos pelos quais as sociedades constroem e administram seu passado. Para que a práxis cultural se revista de caráter histórico requer uma consciência histórica, isto é, uma consciência constituída, ao longo do tempo, sob a forma de pensamento histórico (ou historicizado).<sup>2</sup>

A história dos processos civilizatórios nada mais é, nos estudos de Darcy Ribeiro, que o próprio desdobramento de sua teoria da evolução sócio-cultural. Em “O Povo Brasileiro”, o autor recorre ao termo “Teoria da História” literalmente para significar uma “história” de 10 mil anos do homem, o que requer uma reflexão desse termo no trabalho proposto, pelo seguinte motivo: estar-se-ia, ao fazer uso do termo, falando de propriedades semânticas distintas que o dividem. Na perspectiva dos historiadores, podemos nos referir ao termo “Teoria da História” e este é um “princípio” basilar em minha pesquisa, por estar diretamente citado por meio das orientações teóricas do Prof. Rüsen, que nada menos, ao falar da Razão Histórica, apropria-se do termo retomado desde a Historik de Droysen – uma das primeiras tentativa de sistematização do processo de produção do conhecimento histórico como feito pelos historiadores de tradição germânica, em que temos uma epistemologia e metodologia, ou seja, uma reflexão do ofício do historiador –, que foi retomado pelo Prof. Rüsen no mesmo termo. A partir de um modelo matricial, este tenta, através de uma teoria, revelar o caráter dinâmico e inter-relacional do processo de produção científica do conhecimento histórico, visando seus fundamentos, princípios e suas relações com o pensamento histórico e consciência histórica, a nível científico e não-científico. Darcy Ribeiro, de modo distinto, refere-se ao termo ‘Teoria da História’ em um sentido próximo de uma concepção do processo histórico, ou seja, uma interpretação particular das experiências no passado em nível social, privilegiando uma explicação racional para o caráter contingencial dessas experiências sob o enfoque evolutivo, lê-se aqui apenas o caráter processual dessas experiências. A partir dessas noções, podemos fazer uma comparação deste tipo de organização das experiências no tempo como critérios explicativos de uma realidade presente, e no limite, uma abordagem sobre o tempo, e por conseguinte na sociedade ocidental da historicidade, nas diferentes culturas, ou seja, como a experiência do tempo pode ser interpretada de diversas formas sem o modelo de história utilizado por Darcy Ribeiro. Sabemos que essa elaboração narrativa varia culturalmente<sup>3</sup> e historicamente<sup>4</sup>. A afirmação é de Sahlins, diferentes culturas, diferentes historicidades, e de Koselleck, que ao se referir à consciência histórica moderna da nossa cultura, narrando o nascimento do conceito de história (geschichte) na Alemanha do séc. XVII, mostra como em diferentes períodos históricos do próprio ocidente este conceito aparece de forma específica, demonstrando a partir de uma história dos conceitos a

construção da relação entre passado, presente e futuro na história do ocidente, devido à contingência temporal, e consequentemente como constante antropológica.

Dentre as matrizes teóricas que dividiam interpretações dos fenômenos sociais juntamente com os estudos antropológicos de Darcy Ribeiro, estavam as abordagens em seu aspecto funcionalista, culturalista, ou estruturalista. Aqui falamos de método. Esses modelos defendiam que para o acesso da realidade social bastaria debruçar-se sincronicamente nos aspectos constituintes das sociedades. Para Darcy Ribeiro, ambas as abordagens, dependendo do aspecto social estudado, na maioria das vezes na opinião do autor, o método sincrônico como vinha sendo utilizado, desligado de uma abordagem diacrônica, já estava comprometido. Darcy Ribeiro justifica que sua abordagem necessita de um espectro diacrônico que sirva de escopo para uma análise mais concreta dos fenômenos sociais, logo resume claramente no pensamento de reconstituição histórica para averiguar as condições que levaram seus objetos de estudos – Brasil, América Latina e as relações do índio com a sociedade moderna – a chegarem a ser o que são. Por exemplo, no caso de seus estudos sobre contato interétnico pode-se dar exemplo de duas possíveis metodologias e, por conseguinte, duas interpretações. O recurso, a uma análise histórica destes contatos, levou Darcy Ribeiro, em relação aos povos indígenas, a assumir uma postura pessimista em relação ao futuro destes, ponto profundamente criticado pela antropologia atualmente. Do lado oposto, ter-se-ia diretamente a perspectiva sincrônica, como pode ser vista nos estudos do Antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira. A título exemplar, o conceito de Fricção interétnica, que diz respeito ao contato dos indígenas com as sociedades nacionais. O recurso a uma história desses contatos se faz com poucos frutos, a partir da conclusão de que cada contato desenvolve-se por si mesmo e sem interferência dos demais, é possível fazer uma história das frentes de expansão, mas ao mesmo tempo torna-se impossível através desta analisar caso a caso, o lugar e modo, bem como refletir políticas universais para tais contatos, porque, segundo Roberto Cardoso de Oliveira, é necessário o conhecimento de um por um dos casos e de suas realidades particulares para que assim tenha-se uma melhor compreensão do “contato” e não dos “contatos”.

Darcy Ribeiro, em suas obras, principalmente “Os Índios e a Civilização”, recorre à idéia no conceito de transfiguração cultural – ambos em diálogo direto com o badalado conceito antropológico de aculturação –, retomando-o em uma perspectiva diacrônica. Torna-se, assim, possível à aplicação da história enquanto fator explicativo, lembrando sempre que essa história é uma história que geralmente se dá nos modelos de uma história universal, por isso os resultados de uma explicação desse tipo excluem diretamente “os povos sem história”, sempre com a tendência de ver o “outro” de maneira subjugada, ainda mais se utilizado conceitos como desenvolvimento, evolução e revolução.

Na perspectiva eurocêntrica a América encontrava-se em atraso quando o conceito de desenvolvimento era tomado com relação a um padrão de progresso ascendente creditado nos critérios europeus. Porém, no modelo de Darcy Ribeiro, quando a América é inserida na História sob outra perspectiva, este problema passaria a ser solucionado. Este tipo de análise peca com as populações indígenas ao incorrer no mesmo erro das interpretações anteriores. Quando a leitura do conceito de cultura passa a ser desenvolvida a partir da relação com as revoluções tecnológicas, temos novamente o mesmo caminho de interpretação. O que muda é o caráter determinista do primeiro enfoque para no segundo uma possibilidade de desenvolvimento que estaria nas mãos das sociedades em desajustes, a partir de uma tomada de consciência do processo e de assumí-lo de forma autônoma. Temos logo no resultado de uma Teoria da Modernidade, o caminho para a modernização proposto pela Antropologia da Civilização de Darcy Ribeiro. Assentada na luta de classes internas, as quais não são as mesmas discutidas por Marx, Darcy Ribeiro considera a especificidade cultural e histórica das posições marxistas e tenta relê-las na América Latina e no Brasil, guardando as especificidades de seus objetos de estudo. As diferenças da abordagem de Darcy Ribeiro estão colocadas nos seguintes pontos: a) historicização da teoria marxista, não levando a cabo um modelo de revolução mundial como proposta pelos partidos comunistas, b) consideração de conceitos como 'proletariado' e 'burguesia', aplicados em sua especificidade histórico-cultural c) consideração dos índios partindo da inexistência destes nos projetos civilizatórios marxistas, que desconheciam tais particularidades étnicas, e que, segundo Darcy Ribeiro, após este reconhecimento, segue-se as políticas de assimilação destes povos pelos Estados Nacionais, e é neste ponto em que a etnologia contemporânea

discorda, mas que não deixa de ser um avanço. Darcy Ribeiro considerava o “Povo Brasileiro” único e tinha um ideal integracionista de nação, essas implicações tendiam a mesmo considerando os índios, suas especificidades, a abarcar toda a especificidade cultural no caldeirão miscigenado que tenderia a relegar essas particularidades em torno de um conceito universalista, por mais que considerasse a existência de especificidades. E por último todas essas representações já seriam um avanço ao etnocentrismo europeu, não atingiam o ponto da proposta etnológica atual, que é salvaguardar todos em sua especificidade, e não a partir de projetos de integração, a não ser que seja por escolha da parte dos índios na dinâmica política dos contatos.

Segundo Darcy Ribeiro, as revoluções tecnológicas são capazes de decidir através de um critério de subordinação ou dominação por partes das civilizações em contato, seus rumos presentes constituem em si um caminho explicativo dessas mesmas condições. Essas civilizações “caminham” nesse modelo por dois conceitos chaves, a saber: Atualização Histórica e Aceleração Evolutiva. Logra-se, a partir de então, um processo de organização evolutiva do tempo considerando premissas, como a relação homem e natureza no sistema adaptativo, referente a algo próximo da infra-estrutura marxista como representante primária de um sistema tripartido de análise; sendo também o sistema associativo, que diz respeito às relações sociais do grupo estudado e a um sistema ideológico (cultura), idéias e valores constituídos a partir dos três sistemas apresentados acima. Pautado na sociologia de Florestan Fernandes, esse modelo assemelha-se com o utilizado pelo autor quando toma a inserção do negro no processo de formação do estado nacional. Esse modelo é trasladado para a perspectiva antropológica no estudo indígena, no que tange às relações das sociedades indígenas e segmentos da sociedade. O conceito de aculturação nos estudos dos contatos étnicos, segundo Darcy Ribeiro, se dá a partir e orientados pelos/nos processos civilizatórios. Estes estão explicitados como agentes em conceitos antropológicos, como o de transubstanciação cultural. Outro exemplo a ser tomado para ilustrar a perspectiva indigenista de Darcy Ribeiro é a memória como fator constituinte de identidade em detrimento à mudança corrente da cultura.<sup>5</sup> São relevantes aqui, por exemplo, o estudo da autoridade etnográfica como ressaltado por Roberto Cardoso, no que diz respeito, principalmente, ao conceito de identidade ligado à construção de memória por parte dos índios. A construção social das lembranças do passado é que



são capazes de constituir uma memória social partilhada por indivíduos, constituindo assim as identidades tanto sociais como individuais. Nesse momento, podemos identificar outra posição na leitura de Darcy Ribeiro, ao tomar como história a história das civilizações, por submeter às etnias sem a devida autonomia de construção no processo do qual elas participam. Em relação ao processo de formação identitária, as perspectivas atuais se dão pelas duas vias, tanto a influência da cultura ocidental, por exemplo, como a de culturas indígenas. A premissa de que parte o Antropólogo é que a cultura muda (e por isso mesmo é autorizada uma história da cultura, pelo viés de uma etno-história), mas isso não significa, segundo a tese de Marshall Sahlins, o fim da cultura subordinada. A título exemplar, os costumes indígenas podem mudar ocorrendo o fenômeno de um índio modernizado, mas sua identidade continuar preservada, justamente por não estar ligada diretamente aos costumes e práticas culturais e sim, dentre outras possibilidades, à própria memória. Estas identidades estão muito mais ligadas por uma memória constituída socialmente e não pautada nas práticas culturais de cada povo, e como caso concreto: o que anda ocorrendo quando índios (os Terena) lêem as etnografias feitas sobre eles pelos antropólogos, passando as etnografias a participar como outra possibilidade de construção da memória da tribo. Os Terena, inseridos em segmentos da sociedade brasileira, passaram a ler os estudos acadêmicos sobre eles mesmos, aspecto que passa a participar vivamente de suas memórias. A partir dessas considerações, é possível mapear como Darcy Ribeiro entende e produz seu trabalho acerca da experiência humana no tempo – para ele, social. – com o uso dos conceitos de processos civilizatórios, que nada mais é do que uma interpretação sobre três vias desses contatos em uma perspectiva histórica. Como ferramenta metodológica, neste trabalho foi utilizada, pelo mérito de sua propriedade reflexiva na produção do conhecimento histórico, a matriz disciplinar da ciência histórica proposta por Rüsen como modelo interpretativo para manobra de conceitos como consciência histórica, história linear, experiências do passado e organização do sentido histórico.

No sentido de um tratamento filosófico para a história, temos nos ensinamentos de Gadamer outra abordagem:

Há muitas formas de pensar a história a partir de um padrão situado além dela própria. O classicismo de Wilhelm von Humboldt considera a história como a perda e a decadência da perfeição da vida grega. A teologia histórica gnóstica da época de Goethe, cuja influência sobre o jovem Ranke foi exposta recentemente, pensa o futuro como a restauração de uma perfeição perdida dos tempos arcaicos. Hegel reconciliou o caráter estético modelar da Antiguidade clássica com a autoconsciência do presente, caracterizando a religião da arte dos gregos como uma figura já superada do espírito proclamando a realização plena da história no tempo presente na autoconsciência universal da liberdade. Todas essas são maneiras de pensar a história que pressupõe um paradigma situado fora dela.<sup>6</sup>

Algumas leituras de um modelo de interpretação da história no pensamento de Darcy Ribeiro podem ser apresentadas a seguir com enfoque nos “Estudos de Antropologia da Civilização”. Primeiro o fato de Darcy Ribeiro comprometer-se diretamente com a história ao fazer antropologia a partir de uma perspectiva diacrônica. Ou seja, seu modelo faz referências a uma experiência social que precisa da categoria tempo para ser pensada, ao contrário, por exemplo, da abordagem antropológica funcionalista em sua perspectiva sincrônica para explicação da sociedade. Segundo tal perspectiva, é possível compreender e explicar o funcionamento das sociedades sem utilizar-se da categoria tempo. Já Darcy Ribeiro entende que a explicação da sociedade e seus problemas enquanto objeto de estudo não se fazem apenas com o estudo da sociedade da maneira em que ela se encontra, mas se, e se somente se, esta sociedade for estudada em relação ao seu passado, e mais do que isso, talvez seja preciso trazer um passado que, às vezes, independe do próprio passado vivido por essa sociedade enquanto tradição que obscurece e retoma a história como legitimadora do *status quo*. Darcy Ribeiro alerta que nem sempre o passado vivido, um tipo de história oficial, constitui a “verdadeira” história. O passado, a história crítica no presente é o que consegue deixar explícitas as causas que levaram a sociedade a tornar-se o que é. Seu argumento central é que, ao analisar a sociedade apenas pelas explicações ligadas a forma em que esta se encontra, tratar-se-ia de uma análise que está implicitamente condenada a um condicionamento a interesses maiores, que segundo Darcy são representado por uma classe dominante que é contra mudanças e abdicar de seus privilégios em determinada ordem social. Daí surge uma proposta de “Antropologia Dialética”, que estaria não primando por uma objetividade por excelência. Esses estudos

atingem sua redenção esclarecendo na própria feitura do material as intenções e limites do estudo proposto, e isto não em seus limites epistemológicos e sim políticos, uma realidade com a qual Darcy Ribeiro preocupa-se diretamente, um problema que segundo Darcy está presente cotidianamente na prática de cientistas sociais chamando atenção sobre a necessidade de refletir sobre: mais do que o conhecimento, tem-se um pergunta ética anterior, em que sentido e para que este conhecimento está a serviço?

As referências à história são claras como recurso a um modelo explicativo a partir de um quadro funcional das sociedades estudadas, pela crítica histórica qualquer aspecto social terá que passar quer seja explicitamente ou implicitamente, se não quiser comprometer-se com a ordem vigente. Os resultados da pesquisa não contemplam uma filosofia da história em Darcy Ribeiro, no sentido *stricto sensu* do termo, até porque as referências a história feitas pelo autor, em primeiro momento, se dão por ordem apenas metodológica, não estão diretamente ligadas a uma concepção de história, e mesmo que correspondam não seguem o modelo sistemático de uma filosofia da história como fez Hegel ou Kant. O motivo é de que nenhuma teleologia em especial funciona como fio-condutor para um futuro comum. Lembremos sempre que isso só é possível a partir de uma concepção de história universal, presente de acordo com alguns, somente depois do *Aufklärung* alemão, ponto que Koselleck discorda ao analisar uma filosofia da história no pensamento teológico de Santo Agostinho e de Bossuet. Relevante também é pensar outra consideração de Gadamer:

Todavia, tampouco a negação de tal paradigma apriorístico e a - histórico, que se dá no início da investigação histórica no século XIX, está tão livre de pressuposições metafísicas como esta crê e afirma, quando se compreende a si mesmo como investigação científica.<sup>7</sup>

Tal consideração nos permite aproximar o pensamento de Darcy Ribeiro ao de Karl Marx, na medida em que o modelo de uma dialética da história moldada na luta de classes é apropriado sem grandes novidades pelo fato de Darcy Ribeiro não negar a influência deste em sua obra. Darcy utiliza a dialética através do conceito de revoluções tecnológicas, representando um processo histórico em que é possível substituir o movimento da história pela luta de classes, e seus antagonismos por um movimento

ocasionado pelas revoluções tecnológicas, que não deixa de estabelecer confluências por se interconectarem em uma imbricada elaboração teórica que não é possível aqui esmiuçar que passa pela antropologia de Leslie White a Lewis Morgan e conseqüentemente à Marx – é claro, que sem uma leitura simplista e reducionista das influências destes autores na obra de Darcy Ribeiro, mas que sem dúvida, foram apropriados em seus pontos de convergência. De acordo com Darcy Ribeiro, algumas dessas leituras não devem ser aplicadas à sociedade latino-americana e brasileira sem certos “acertos”.

O que se pode identificar é um segmento da metodologia marxista, porém com modificação dos conceitos utilizados para a leitura do processo histórico, estes se expressam por caminhos diferentes e em sentido final modificado também. Para reforçar a consideração, Darcy Ribeiro diverge do modo, finalidade e causa, mesmo assim utilizando a razão dialética em seu modelo teórico. A partir de tal raciocínio, é possível descartar a filosofia da história de Karl Marx como sustentação única do pensamento de Darcy Ribeiro, até porque sua crítica ao eurocentrismo destrói as bases de uma interpretação estritamente marxista da história.

Uma tal teoria torna-se proveitosa por seu caráter pragmático em sua orientação teórica, onde há apenas a intenção de ressaltar o que origina as desigualdades entre as sociedades. Como pano de fundo filosófico, uma crença no progresso e na razão. Isso orienta uma autoconsciência no limite de ações pragmáticas do controle do curso da história. E aqui Darcy Ribeiro diverge apenas no sujeito histórico, o povo enquanto coletividade presenciado na passagem:

amar não é olhar um para o outro e, sim, na mesma direção. Nós todos que estamos unidos nessa grande jornada encontraremos, lá na frente, um Brasil mais lindo, mais forte, com jovens mais competentes e sábios, verdadeiros timoneiros na direção de uma grande pátria.<sup>8</sup>

Como no início da proposta de estudo, o objetivo era esboçar de que maneira os estudos de “Antropologia da Civilização”, de Darcy Ribeiro, eram capazes de refletir na política e suas proposições acerca do caráter histórico do social. Espero, através de um breve mapeamento da dimensão filosófico-histórica da obra de Darcy Ribeiro e os problemas de métodos de diferentes escolas antropológicas, ter possibilitado uma reflexão

acerca da História enquanto disciplina, a partir de alguns problemas refletidos em teoria antropológica que, segundo Mariza Peirano<sup>9</sup>, são a própria história da disciplina. Espero também ter norteado, através das considerações do Prof. Estevão Chaves Martins, acerca da cultura histórica e de um modelo teórico da disciplina histórica, proposto por Jörn Rüsen, e ter tratado das teorias de Darcy Ribeiro, considerando os encontros e desencontros que uma abordagem interdisciplinar pode oferecer.

## NOTAS

<sup>1</sup> MARTINS, Estevão C. R. *Consciência histórica, práxis cultural e identidade nacional*. In: Gonçalves, A. T. M.; Souza, A. M.; Serpa, E. C.; Bittencourt, L. B. (Org.). *Escritas da História. Intelectuais e Poder*. 1 ed. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2004, v. , p. 12.

<sup>2</sup> *Idem*. P. 11.

<sup>3</sup> SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979. P. 11.

<sup>4</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos Históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora LTDA/PUC-RJ, 2006. P. 23.

<sup>5</sup> Entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira, apresentada em vídeo nas dependências do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília em Maio/2007 exibida em homenagem póstuma.

<sup>6</sup> GADAMER, H.-G. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Vozes, Petrópolis, 2003. P. 274.

<sup>7</sup> *Idem*. P. 275.

<sup>8</sup> Apud BRANT, Vera. *Darcy*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p.109.

<sup>9</sup> PEIRANO, Mariza . *A Teoria Vivida*. Reflexões sobre Orientação em Antropologia. Ilha. Revista de Antropologia, Brasília, 2005. v. 6, n. 1 e 2. p. 211.